

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **MUSEUS, GALERIAS E COLECÇÕES XVI. O PINTOR BARRETO E ALGUNS DOS SEUS TRABALHOS.**

VITORINO, Pedro

Ano: 1938 | Número: 48

---

### **Como citar este documento:**

VITORINO, Pedro, Museus, Galerias e Coleções XVI. O Pintor Barreto e alguns dos seus trabalhos. *Revista de Guimarães*, 48 (1-3) Jan.-Set. 1938, p. 8-16.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Museus, Galerias e Colecções

---

XVI

## O pintor Barreto e alguns dos seus trabalhos

Mal despontava ainda na Europa o gôsto das colecções de pinturas, com carácter permanente para conhecimento do grande público, isto é, dos museus de arte, já neste recanto obscuro do ocidente, ao tempo bem afastado dos principais centros de cultura, alguém projectava dotar a sua terra natal com um conjunto de quadros que servisse de lição aos artistas, estimulando-os, e fôsse capaz, ainda, de falar ao espírito dos leigos não desprovidos de sensibilidade.

A pessoa em cuja mente imaginosa perpassou essa ideia, aliás peregrina num meio quási indiferente às manifestações da arte, não só pela época como por educação, era um dos ornamentos da Real Academia de Marinha e Comércio da Cidade do Pôrto, sucessor na aula de desenho do notabilíssimo Vieira Portuense.

Foi o pintor José Teixeira Barreto.

Larga estadia em Roma, para onde partira em 1790 com o propósito de se aperfeiçoar na arte que abraçara, acrescida do contacto persistente com os museus e galerias de arte de Itália, França e Espanha, patentearam-lhe horizontes novos que desejou ver reflectidos no seio da sua pátria, no próprio lugar onde nascera, na cidade do Pôrto, enfim.

Reuniu quadros para formar uma galeria pública, a primeira que foi imaginada em Portugal.

Morto prematuramente em 1810, com quarenta e sete anos de idade e sete de professorado, não tendo obtido no Pôrto sítio adequado ao seu projecto, deci-

diu-se a legar à ordem beneditina de Tibães, onde pertencera como leigo, a colecção que conseguiu organizar.

Teixeira Barreto é, sem dúvida, uma glória portuense, não apenas por ser um artista de comprovado mérito, mas ainda pelo facto de nos surgir como um percursor no campo da museologia da arte, título honroso que ninguém poderá disputar-lhe no seu país.

Procurando tornar conhecido o pintor e a sua obra, mercê de documentos originais que o destino colocou nas minhas mãos, trouxe à luz da publicidade, em 1925, a sua biografia, no livro "*José Teixeira Barreto, Artista Portuense (1763-1810)*", editado pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

Visto, de então para cá, ter reunido mais alguns elementos, entendi apresentá-los como complemento necessário ao estudo referido.

\*

\* \*

A obra de José Teixeira Barreto encontra-se quasi inteiramente no Pôrto, nalguns dos seus templos, retábulos maiores dos Terceiros de S. Francisco e da parochial de S. João da Foz do Douro, e no Museu Nacional de Soares dos Reis, antigo Museu Portuense, criado, por ocasião do cerco, pelo Duque de Bragança. Foi para aqui que, após a extinção das Ordens Religiosas em 1834, vieram transferidos os quadros que formavam a galeria do mosteiro de Tibães, pode dizer-se que constituída de todo pelas pinturas do legado Barreto. Este compreendia noventa números, conforme o Rol original (vid. *José Teixeira Barreto*, pp. 37 a 40). Entre êles contavam-se oito trabalhos especificados como da autoria do artista. São justamente oito os quadros de Barreto mencionados no *Inventário do Museu Portuense feito em 1839*, ms., que tornei público no livro *Os Museus de Arte do Pôrto* (Notas históricas), Coimbra, 1930, p. 64 e ss. Como o número nos dois documentos, Inventário do Museu e Rol de Tibães, condizia, pude concluir, e tal o expressei no meu trabalho sôbre Barreto (p. 51), que

nenhuma das suas telas se havia extraviado; de facto, os quadros indicados no Rol, podem ver-se no Museu. Fazendo *pendant* com o auto-retrato de Barreto encontra-se o retrato de Vieira Portuense, que é, muito possivelmente, de sua autoria. Do mesmo artista há ainda duas telas, *O Maná* e *S. Pedro mostrando a Eucaristia*, procedentes do Convento dos Grilos (*Museu Nacional de Soares dos Reis*, Relatórios de 1933 e 1934, pelo Director do Museu Dr. Vasco Valente, 1936, p. 144).

Na colecção de Tibães parece ter havido extravios, como se verifica pelos documentos que o Dr. Vasco Valente trouxe a público (Lug. cit., p. 26 e ss.).

Ao intentar o estudo do pintor Teixeira Barreto, em 1924, diligenciei identificar no Museu de Soares dos Reis, não só a obra do artista como os quadros que pertenceram à sua galeria. Pouco consegui. O estado verdadeiramente caótico em que se encontrava o Museu, sem uma simples lista do que nêle se encerrava, gorou a minha ingénua pretensão. Só há pouco, depois da remodelação profundíssima efectuada pelo novo Director do Museu, o meu illustre amigo Dr. Vasco Valente, é que pude alcançar alguns informes, que há longo tempo procurava, e ter a satisfação de ver várias das pinturas da infortunada galeria de Tibães.

\*

\*   \*

As péssimas condições da casa, e o inconcebível desmazêlo de muitos anos, levaram bom número de pinturas à ruína ou ao aniquilamento.

A identificação foi operosa e o trabalho de restauro, paciente e delicado.

Os quadros apresentavam duas numerações, uma marcada a preto, que o Dr. Vasco Valente verificou corresponder ao rol de Tibães, outra a vermelho, respeitante esta ao Museu (Inventário de 1839).

Os números encontrados foram os seguintes: 2, 3, 6, 7, 8, 9, 11, 14, 15, 23, 27, 29, 30, 31, 37, 43, 44, 46, 47, 49, 59, 63, 65, 69, 71, 74, 79, 80, 87.

Vinte e nove números apenas, para noventa de que era formada a colecção!

Porém, outros mais deve haver; mas o desaparecimento da numeração em algumas pinturas dificulta extraordinariamente o exame. Também o trabalho de inventariação não foi ainda de todo completado, por circunstâncias desfavoráveis, com a conveniente identificação.

Muitos dos quadros são cópias, de reduzidas dimensões, pintadas em tábua, cartão ou papel, tiradas nos museus pelo próprio Barreto, dos autores a que dava as suas preferências. O nosso artista reproduzia com justeza, tornando as cópias agradáveis e não destituídas do carácter dos respectivos originais.

Eis alguns dos quadrinhos saídos do seu pincel:

- *Inocência*, cop. de Romaneli, 0,26 x 0,21, (n.º 2).
- *Casamento de Agar*, cop. de Ciro Ferri, 0,26 x 0,20, (n.º 3).
- *N.ª S.ª com o Menino*, cop. de C. Marati, 0,39 x 0,30, (n.º 7).
- *Cristo escarnecido*, cop. de Espanoleto, 0,19 x 0,25, (n.º 15).
- *Moisés tocando o rochedo*, cop. de Poussin, 0,26 x 0,26, (n.º 23).
- Originals nas colecções Harcourt e Ellesmire.
- *Júpiter e Semela*, cop. de Guido, 0,23 x 0,35.
- *Estudo do nu*. 0,24 x 0,18.
- *Assunto mitológico*. 0,19 x 0,25.
- *Degolação dos inocentes*. Original? 0,19 x 0,25.
- *Bacante*, cop. de Giordano. 0,23 x 0,31.
- *Dédalo e Ícaro*. 0,25 x 0,20.

Os dois últimos trabalhos, especialmente o segundo, são bonitas produções.

Como original do artista, encontra-se a tela *Alexandre na tenda de Dario*, n.º 80 do Rol de Tibães, onde tem a avaliação de 96.000 reis, a mais elevada da série; mede 0,97 x 1,35.

O quadro, que foi pintado em Roma em 1797, prendeu a atenção de Raczyński, quando da sua visita ao Museu Portuense em 1844, pois a êle aludiu nas cartas, *Les Arts en Portugal* (p. 386): «Il y a là une composition de Barreto, natif de Porto, dans le genre de Camuccini et de David, représentant *la mort de Cléopâtre*.» A designação pertence ao crítico germânico, que desconhecia o verdadeiro assunto da tela.

Sem dúvida, o tema foi sugerido ao nosso pintor pelo quadro de Lebrun *A Tenda de Dario*, existente

no Louvre, um dos cinco grandes panos (2,28 X 4,53, com figuras de tamanho natural) da famosa série «Batalhas de Alexandre», aparecidas na Exposição de Pintura, em Paris, de 1673, e divulgadas por excelentes gravuras de Gérard Edelinck e Gérard Audran.

Carlos Lebrun (1619-1690), como discípulo, em Roma, de Poussin (um dos seus raros discípulos), deveria compartilhar das preferências de Barreto, impenitente admirador do «Rafael francês», o grande Nicolau Poussin.

Muito deveu Lebrun ao privilegiado artista, seu mestre e amigo. Refere H. Bouchitté: «Plus jeune de vingt-cinq ans que ce grand peintre [Poussin], Lebrun en reçut d'utiles conseils, et se forma avec le plus grand zèle sur sa manière et d'après l'étude de ses oeuvres. Aussi fit-il à Rome plusieurs tableaux dans un goût tellement conforme à celui du Poussin que quelques-uns furent attribués à celui-ci.» (*Le Poussin, sa vie et son oeuvre*, Paris, 1858, p. 203).

Comparando os dois quadros, que representam scenas diversas do mesmo facto, a visita do vencedor, Alexandre Magno, à família do vencido, Dario, verifica-se que o nosso artista tendo variado, com originalidade, a composição central do agrupamento das figuras, se subordinou um tanto nos extremos, ao autor francês, colocando Alexandre ao lado esquerdo, de pé, dominante, e na parte oposta um assistente prostrado, de bruços, na atitude confrangedora de alquebramento e submissão.

A tela, que eu supunha perdida, como tantas outras que a humidade e o bolor consumiram, foi «ressuscitada» mercê dos esforços e amoroso carinho do ilustre director do Museu Soares dos Reis, Dr. Vasco Valente, conjugados com a proficiente cooperação técnica do distinto pintor Sr. Lauro Côrado.

Só quem viu o pano, como apareceu, solto da grade respectiva, dobrado, e fendido em várias partes, poderá avaliar os cuidados que foram necessários para o restituir ao seu aspecto primitivo.

Com a iniciativa tomada e êxito alcançado todos temos de nos felicitar. Nem tantos trabalhos de artistas nossos, portuenses, possuímos para que os possamos desprezar. E êste de José Teixeira Barreto tem



Fig. 1 — Alexandre Magno na tenda de Dario.  
Pintura e água-forte de José Teixeira Barreto, feitas em Roma no ano de 1797.

condições que suscitam o nosso acatamento admirativo. Talvez que não lho concedam alguns críticos modernos, com o habitual desdém por certas épocas transactas, mas quem encara a arte, através dos seus períodos históricos, sem restrições de escolas, tem evidentemente de acolher com simpatia os vários testemunhos que o passado nos legou.

Neste quadro, em que a mulher de Dario é representada morta, revelam-se qualidades, pelas atitudes das figuras e expressão das cabeças, dentro do estilo do artista, que se impõem à observação dos entendidos. Esta obra, conhecida do público pela água-forte que o autor gravou (Fig. I), pode, felizmente, agora ser apreciada, com o valor do colorido, no próprio original.

\*

\*      \*

A Teixeira Barreto é atribuída uma pintura, *Sainte Trinité*, que existia na colecção Moreira Freire, em Lisboa, a qual vem assim descrita no *Catalogue des Peintures Anciennes* que lhe diz respeito (p. 173): N.º 284— «Sous un beau ciel bleu on voit, assis sur des nuages, le Christ, avec une draperie blanche autour de la ceinture, et une longue écharpe cramoisie brodée d'or, lui couvrant son corps depouillé de ses vêtements, portant dans sa main droite, bras levé, une longue croix debout. A sa gauche, assis sur des nuages, dieu le Père, vieillard à longue chevelure et barbe blanche, en tunique blanche et manteau jaune, portant dans sa main gauche un riche sceptre d'or. Ils ont derrière la tête un grand nimbe en argent garni de pierreries. Au-dessous de leurs têtes, vole le Saint-Esprit rayonné de gloire. Au premier plan, sur un terrain désert, deux moines a genoux, en habit de moine de la Trinité, sont en adoration devant la splendide apothéose. Composition et dessin de toute beauté; touche ferme et délicate qui, à défaut de preuves plus plausibles, nous l'attribuons au pinceau de l'illustre peintre et graveur portugais Teixeira Barreto.» As dimensões indicadas são: 0,84 x 0,64.

Trata-se, evidentemente, de composição religiosa

própria para retábulo de altar, devendo, por isso, esta tela ser o estudo adequado.

O quadro, à parte ligeiras variantes de pormenorição, encontra-se reproduzido em gravura (0,30 X 0,21), assim subscrita: *R. J. da Costa. Sculp. Porto*. As figuras em adoração têm indicados os seus nomes, «S. João da Matha» e «S. Felis de Valois», mostrando a estampa a seguinte legenda: «Da Ordem Terceira da Santíssima Trindade da Cidade do Porto, creada e confirmada por Bulla do S.<sup>mo</sup> P.<sup>e</sup> Benedicto XIV em 14 de Maio de 1755.» Posteriormente foi feita outra chapa, de iguais dimensões, tendo esta subscrição: *R. J. da Costa e filha esculp. Porto Rua das Virtudes N.º 2*.

São registos que a Celestial Ordem da Trindade, por ocasião da festa anual, distribuía aos seus benfeitores.

A atribuição do quadro (de onde as gravuras derivaram) a José Teixeira Barreto é admissível, tanto mais que Raimundo Joaquim da Costa, colega e seu sucessor na aula de desenho da Real Academia de Marinha e Comércio do Pôrto, gravou diversas das suas produções.

Por não ter feito referência a êste trabalho no meu estudo anterior sôbre Teixeira Barreto, incluo-nas presentes notas.

\*

\* \*

Ainda sôbre o nosso artista, deparou-se-me há poucos anos na magnífica revista francesa *L'Illustration* (28-I-1933), um grupo de quatro gravuras, reproduzidas a côres, do «Cimelio Tipografico», álbum editado por Giambattista Bodoni, pertencente à colecção do arquiduque Franz Salvator, de Viena. A respeito desta preciosidade bibliográfica, no artigo, onde se incluíam as gravuras, intitulado *Bibliophilie Impériale*, escrevia Albéric Cahuet: «Quant au *Cimelio tipografico-pittorico*, également exposé, c'est un trésor d'exemples de typographie et de gravure de luxe de l'imprimerie de Giambattista Bodoni (Parme, 1811). Il faut voir là sans doute le chef-d'oeuvre de Bodoni. Il n'en fut imprimé que quelques exemplaires; celui que l'on a mis sous les yeux du public

fut offert «aux Augustes Parents du Roi de Rome [Napoleão e Maria-Luísia] à l'occasion de la naissance de l'héritier impérial.»

Nesta referência não se faz menção do autor das ilustrações, o ignorado português José Teixeira Barreto.

As quarenta e uma composições originais foram gravadas a simples traço por José Barreto para a edição de Roma de 1794.

A obra intitula-se *Scherzi poetici e pittorici supra l'amore*, tendo sido escrita em italiano pelo poeta Giovanni Rossi, Director da Real Academia de Belas-Artes de Portugal em Roma. A edição de Parma, feita em 1795, in 4.º, foi dedicada a D. Alexandre de Sousa Holstein, ministro plenipotenciário junto da Santa Sé, sendo as gravuras executadas por Francesco Rosaspina, conforme as composições que Barreto delineou.

O Museu Municipal do Pôrto possui esta luxuosa e rara obra, com as figuras coloridas no género etrusco (amarelo sôbre fundo negro), por oferta feita em 1931 pelo falecido bibliófilo portuense Joaquim Gomes de Macedo. É um dos poucos exemplares existentes em Portugal, que, assim, se tornou pertença da terra que foi berço do glorioso artista.

PEDRO VITORINO.

---

CORRIGENDA. — No artigo anterior, *Colecção calcográfica* (pág. 227), onde se lê *Carlo Dolá*, deve ler-se *Carlo Dolci*.